

Para uma Teoria e uma História da educação dos trabalhadores¹

Toward a General Theory and Global History of Workers' Education

Michael Merrill*

Susan J. Schurman**

Tradução: Aparecida Darc de Souza***

RESUMO

A educação dos trabalhadores, entendida como educação de trabalhadores por trabalhadores de acordo com propósitos determinados por eles mesmos, tem estado num terreno de grande conflito, tanto quanto o trabalho. Se formos pensar uma história global a respeito da educação dos trabalhadores, ela precisará ser orientada por uma teoria geral que seja compatível. Hegel, de modo mais amplo, e Durkheim, de modo mais convincente, argumentaram que as sociedades são projetos cognitivos e morais dos quais a educação é constitutiva: o ser social e o conhecimento estão inextricavelmente ligados um ao outro. No contexto das revoluções democráticas acontecidas nos últimos 250 anos, o movimento operário se destacou simultaneamente como um movimento social onde se aprende a democracia e que luta pela educação democrática. A história da educação dos trabalhadores é a história da luta constante dos trabalhadores para se

ABSTRACT

Workers' education, understood to mean the education of workers by workers for purposes they themselves determine, has always been highly contested terrain, just like work itself. If there is to be an adequate global history of workers' education, it will need to be guided by a suitable general theory. Hegel most expansively and Durkheim most persuasively argued that societies are cognitive and moral projects, of which education is constitutive: knowing and social being are inextricably bound up with one another. In the global democratic revolutions of the last 250 years, the labor movement distinguished itself as simultaneously a social movement, an education in democracy, and a struggle for a democratic education. The history of workers' education is a history of workers striving to remake their communities into democracies and themselves into democrats.

* Rutgers, The State University of New Jersey, New Brunswick, NJ, USA.

** Rutgers, The State University of New Jersey, New Brunswick, NJ, USA.

*** Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), Marechal Cândido Rondon, PR, Brasil. aparecidadarcsoouza@hotmail.com

tornarem democratas e tornarem suas comunidades democráticas. Este breve ensaio introduz uma coleção de textos representativos de uma nova geração de pesquisadores sobre história da educação de trabalhadores, os quais esperamos que ajudem os movimentos tradicionais e emergentes dos trabalhadores a entenderem seu passado e a pensar mais claramente sobre seu futuro.

Palavras-chave: história; educação; trabalhadores.

This brief essay introduces a collection of essays representative of a new generation of scholarship on the history of workers' education, which we hope will help both traditional and emerging labor movements understand their past and think more clearly about their future.

Keywords: history; education; workers.

O movimento operário tem entendido a “educação dos trabalhadores” como uma educação dos trabalhadores realizada pelos trabalhadores com objetivos que eles próprios determinam. Como tal ela sempre foi um terreno altamente contestado, assim como o próprio trabalho. Seu conteúdo curricular é variado e tem se preocupado, conforme as circunstâncias, com uma vasta gama de assuntos. Mas a educação *dos* trabalhadores não pode ser confundida com a educação *para* trabalhadores, controlada por outros interesses ao passo que aparece como supostamente conduzida para o bem dos trabalhadores (seja lá o que isso signifique).² Como tal, a educação dos trabalhadores pelos trabalhadores e para os trabalhadores há tempos tem sido inseparável e constitutiva da democracia, isto é, do governo “pelo povo”. Isso inclui os “mecânicos vulgares” e outros membros dos baixos estratos que Aristóteles, em seu admirável e influente *A Política*, não considerou como bons candidatos a cidadãos. Em outras palavras, a luta pela democracia é também a luta por uma educação democrática. Onde quer que o movimento operário tenha se esforçado para ampliar a democracia, ele se esforçou igualmente pelo direito a uma educação adequada às necessidades dos cidadãos democráticos. Entre as primeiras demandas do moderno movimento operário no início do século XIX estavam o sufrágio universal e o financiamento público do ensino primário (e mais tarde o secundário). Uma das grandes vitórias do movimento operário norte-americano no século XIX foi o Ato de Morrill de 1862, que estabeleceu o Sistema Land-Grant College,³ cuja missão era prover educação superior pública para todas as classes sociais.

Essa tradição de educação controlada pelos trabalhadores e seus efeitos transformadores é o que nós temos interesse em capturar, em especial o periódico ILWCH.⁴ Nele o leitor poderá encontrar artigos, comunicações, reportagens, entrevistas e críticas que englobam uma ampla variedade de instituições de educação de trabalhadores e aspirações durante os últimos 200 anos. Não é de modo algum abrangente ou completo, mas seu alcance é impressionante. Nele existem contribuições de pesquisadores da Europa, Ásia, África e América cujas línguas nativas incluem Sueco, Norueguês, Francês, Alemão, Espanhol, Português, Grego e Gujarati – sem mencionar o inglês! A coleção é representativa de uma nova geração de pesquisas cujo saber esperamos que ajude os novos movimentos dos trabalhadores a entender seu passado e a pensar, tão claro quanto possível, sobre seu futuro.

Os artigos estão por si mesmos conectados com uma pedagogia e uma prática da educação de trabalhadores, seu papel no movimento operário e na política de sua institucionalização. Na pedagogia da educação dos trabalhadores, nós dirigimos nossa atenção em particular para os textos de Petros Gougoulakis sobre as origens do círculo de estudos sueco, Jonathan Grossman no coletivo de História dos trabalhadores da África do Sul, e Namrata Bali na liderança do estágio oferecido pela academia SEWA, que ela dirige. No que diz respeito à prática da educação de trabalhadores, especialmente no século XX, é gratificante publicarmos o discurso de Dorothy Sue Cobble em Lima, Peru, em 2016, na Convenção da Associação Internacional da Federação dos trabalhadores da Educação (IFWEA), durante a Confederação Internacional dos Sindicatos Livres (IFCTU), primeira Escola Internacional de Verão das Mulheres, mantida desde 1953.

Também nos consideramos afortunados por termos sido estimulados pelos textos originais de Andrew Jackson sobre programas educacionais do Lincolnshire, Inglaterra, textos que colaboram muito sobre o final do século XIX; John Grayson sobre os militantes sindicais ingleses e comunistas de meados do século XX, em Yorkshire; Donald Roberts e Lauren Marsh sobre os sindicatos do Caribe do mesmo período, na independência das Índias Ocidentais, e Gabriela Scodeller sobre as inovações das atividades educacionais em âmbito transnacional e Teologia da Libertação inspirada na Central Latino-Americana de Trabalhadores (CLAT) nas décadas de 1960 e 1970. Além disso, Michael Hannagan, há muito tempo membro do conselho da ILWCH, tem

contribuído na revisão do estudo clássico de George Duveau sobre os artesãos franceses que lutaram pela reforma da educação em meados do século XIX, *La pensée ouvrière sur l'éducation pendant la Seconde République et le Second Empire*; e Marcel van der Linden trouxe para nosso conhecimento um trecho de uma entrevista com o sociólogo alemão e educador de trabalhadores Oskar Negt sobre a importância da política educacional no movimento de educação de trabalhadores. Finalmente, com respeito ao papel da educação dos trabalhadores no movimento operário e as políticas para sua institucionalização, incluímos um ensaio comparativo feito por Jenny Jansson sobre o contraste de trajetórias da educação de trabalhadores na Suécia e no Reino Unido; a pesquisa de Aslak Leesland sobre o papel da Associação de Educação de Trabalhadores da Noruega na formação e na história de relativo sucesso do movimento operário norueguês; as discussões de Dimitra Lampropoulou sobre o papel das escolas noturnas na educação e politização da juventude da classe trabalhadora no pós-guerra em Atenas, e um panorama dos programas educacionais e conquistas do Movimento dos Sem Terra (MST) por Célia Regina Vendramini, Janaina Stronzake, Judite Stronzake e Sérgio Paulo Morais.

O que se conclui desses textos é que a educação de trabalhadores tem sido e continua a ser um indispensável componente da luta da classe trabalhadora, mesmo que seja tratada comumente como uma reflexão tardia ou privilégio por militantes e ativistas. De um ponto de vista estratégico de longo prazo, negligenciar sua importância implica uma grande perda. Pessoas usualmente só fazem o que sabem. Se elas pretendem viver de forma diferente, precisam primeiro aprender a fazê-lo. Existe uma razão para que soldados, socorristas, pessoal da sala de emergência, policiais e outros passem por exercícios de treinamento contínuo, tanto quanto existe uma razão para que os dançarinos, atores e músicos estejam constantemente ensaiando. A razão é que durante uma crise ou um devaneio criativo, a maioria das pessoas tem maior confiança em seus padrões de resposta assiduamente adquiridos – os quais uma vez dominados se tornam tácitos – e posteriormente em suas capacidades de improvisação. Se não temos uma ocasião para aprender novas formas de pensar e fazer, iremos naturalmente confiar nas velhas formas. Uma *performance* de considerável alto nível requer trabalho duro, prática e preparação. A educação, como ocasião para a prática e a preparação, é igualmente necessária para o desenvolvimento pessoal.

O que é verdadeiro para os indivíduos e pequenos grupos é verdade para a sociedade e para os movimentos sociais. O conhecimento e o ser social estão inextricavelmente ligados um ao outro, conforme Hegel de maneira mais expansiva e Durkheim de maneiras mais convincentes apontaram tempos atrás. Sociedades e movimentos sociais para funcionarem de maneira efetiva e eficiente requerem também prática e preparação – é isto, eles requerem educação contínua. Colocando a questão de outra maneira, sociedades e movimentos sociais são projetos cognitivos e morais, tanto quanto funcionais e egoístas. Agimos como pensamos, não só porque pensamos que isso é bom para nós, mas também porque é bom para os outros. Uma sociedade baseada em noções que seus membros acreditam ser falsas ou inverídicas não se sustenta, pelo menos não por muito tempo. Como um ator que desempenha um papel de maneira tão convincente que acreditamos ser ele o personagem que cria, sociedades só podem existir se acreditamos nelas. Assim que deixamos de fazê-lo, a sociedade que temos como garantida não mais existirá, caso continue será como um zumbi.

Na criação do mundo moderno, marcado durante os últimos 200 anos por uma onda sem precedentes de revoluções democráticas em diversas partes do mundo, o movimento operário tem desempenhado papel determinante. Desde 1815, ele tem testemunhado e participado de três momentos históricos de inovação e rápido crescimento da educação. Provavelmente isso é ainda discutível, mas acredito que estejamos vivendo o quarto momento dessa expansão. Cada um desses períodos contribuiu para a ampliação da educação dos trabalhadores. O primeiro momento ocorreu entre 1820 e 1850, mais ou menos entre o final das guerras napoleônicas durante e as revoluções de 1848. Tal período foi particularmente inovador na educação popular. Os impactos dessas atividades efervescentes foram sentidos primeiramente na Europa ocidental, embora seus efeitos tenham se estendido até as colônias europeias. A segunda iniciativa ocorreu entre 1890 e 1920, durante três décadas de democracia global e do movimento anti-imperialista e socialista, cujo resultado mais eletrizante foi a Revolução Russa de 1917 e a subsequente ascensão internacional do comunismo na Ásia, África, América e Europa. Isso foi seguido pelo terceiro período, entre mais ou menos 1950 e 1980, ou entre o fim da Segunda Guerra Mundial e o triunfo do Thatcherismo, quando se viu a consolidação da social democracia na Europa e o processo de libertação e construção nacional

das regiões que haviam sido colônias da Europa. Agora, estamos aparentemente experimentando um quarto momento de crescimento, com filiação sindical global, na última geração, mais que dobrando no mundo, mesmo tendo caído nas nações onde teve maior influência (Docherty; Velden, 2012). Diferentemente dos três períodos de expansão anteriores, este aumento não está apenas sendo percebido na região sul do planeta, mas é liderado por ela.

A educação de trabalhadores e os movimentos de educação de trabalhadores têm sido importantes em todos esses momentos, embora ainda haja muito o que conhecer sobre eles. Pior, existe muita coisa que nós ainda nem tentamos descobrir. Educação de trabalhadores não é apenas constantemente negligenciada por muitos líderes e organizações preocupados com os movimentos trabalhistas. Isso também é geralmente esquecido pelos historiadores interessados no trabalho e na classe trabalhadora.⁵ Há entre os estudiosos e pesquisadores uma noção generalizada, geralmente não examinada, de que tudo o que os trabalhadores precisem aprender poderá e será aprendido a partir de sua experiência diária, sem o benefício da reflexão sociológica. Do nosso ponto de vista, isso é um salto mais distante.⁶ Existe certamente muito a ser aprendido pela luta, mas todos não tirarão as mesmas conclusões a partir das mesmas experiências. Como E. P. Thompson argumentou persuasivamente há mais de 50 anos, embora possa haver respostas lógicas semelhantes para grupos semelhantes que vivem as mesmas situações, não existe uma consciência de classe única e estruturalmente dedutível de uma determinada circunstância. A consciência de classe é um modo em que a experiência da classe é “tratada em termos culturais: incorporada em tradições, sistemas de valores, ideias e formas institucionais” que obviamente variam de pessoa para pessoa e de lugar para lugar.⁷ O que Thompson não disse explicitamente, embora seu magistral *Making of the English Working Class* tenha demonstrado, é que esses termos culturais resultam de um processo educativo. Ou seja, eles são *aprendidos*. Não há garantia de que uma dada conclusão será retirada de uma dada situação. As lições aprendidas dependerão não apenas das lições tiradas, mas também das lições disponíveis: as “tradições, sistema de valores, ideias e formas institucionais” dentro dos quais a experiência é vivida e assimilada.

Assim, poderíamos dizer que a educação significa para os movimentos (e para as sociedades) o que a mobilização⁸ e o treino significam para o exército. Não existe exército sem mobilização, e não há combate eficaz sem treino. O

mesmo é verdadeiro para as sociedades e movimentos sociais, de modo que educação faz parte da essência de um e de outro. O seu “fazer-se”, seu desenvolvimento, o seu *constituir-se* é um processo educativo sem o qual as sociedades e os movimentos sociais não poderiam existir, não da forma particular como fazem. Nesse sentido, educação é uma “matéria escura”⁹ das sociedades e dos movimentos sociais. Ela é indispensável para sua integridade e continuidade, apesar de sua presença e indispensável função raramente serem reconhecidas e usualmente tomadas como garantidas. O movimento operário não é exceção a essa regra. Seus objetivos centrais – liberdade, democracia e justiça no trabalho e na sociedade em geral – são alcançados se, e apenas se, as pessoas forem capazes de viver suas vidas com liberdade, democracia e justiça. Essa habilidade não é adquirida naturalmente. Como Oskar Negt afirmou, “democracia é a única forma de governo que precisa ser aprendida” (Negt, 2004, p. 197). Se as pessoas não tiverem aprendido como se governar de maneira democrática, como dar aos outros as mesmas liberdades que querem para si, ou como compartilhar os frutos de seu trabalho coletivo, de bom grado e equitativamente, a democracia será apenas uma palavra e não um fato social.¹⁰ Ajudar as pessoas a aprender é uma das mais importantes funções que esperamos da educação no mundo moderno. Mas apesar de seu caráter, ela tem sido, no mínimo, tão importante para assegurar e proteger os objetivos dos movimentos trabalhistas, a exemplo das ocasiões dramáticas de confronto que vêm pontuando seu processo.

A História, infelizmente, mesmo a história da classe trabalhadora, ainda é, em grande parte, contada como alguma coisa que ocorreu com os trabalhadores e não algo que eles mesmos fizeram. Uma das nossas esperanças é de que, se dermos mais atenção à educação dos trabalhadores, nos encorajaremos a dar igualmente, nas palavras de Thompson, mais atenção à “atuação dos trabalhadores”, especialmente “ao grau em que eles contribuem, por esforços conscientes, para fazer história”.¹¹ Mas existem duas escolas de pensamento que estudam como o trabalhador e o movimento trabalhista fazem de fato a história. Uma dessas escolas tem insistido em que os direitos e liberdades dos trabalhadores têm sido e só podem ser alcançados mediante violentos confrontos, até e muitas vezes por meio de lutas armadas. Outros argumentam que o melhor caminho a seguir é o da luta ideológica e da reforma moral. Obviamente esses dois caminhos, “força física” e “força moral”, não são necessária e

mutuamente exclusivos, como sindicalistas e educadores do trabalho têm avaliado.¹² Às vezes, é necessário defender um modo de vida por meio do uso da força. Mas defender um modo de vida não é o mesmo que constituí-lo. Conforme observamos acima, culturas não são estruturas naturais, mas constructos emocionais e mentais criados e sustentados por ação consciente e esforço moral. É o trabalho da educação em cada movimento social e em cada sociedade que realiza a elaboração e a difusão de tais constructos. Lideranças dos movimentos de educação de trabalhadores já entenderam isso.

De fato, é possível dizer quanto um movimento é comprometido com a mudança social a partir de seu compromisso com a educação, isto é, na medida em que se investe e se trabalha para ajudar as pessoas a aprenderem novos modos de ser e de viver juntos. Um movimento que se diz favorável à liberdade, à democracia e à justiça, mas não oferece uma oportunidade adequada a seus membros para aprenderem como conduzir a si mesmo democraticamente, está enganando a si mesmo e aos outros. Um movimento que objetiva realizar uma revolução democrática e moral e valoriza o comportamento ético e democrático estará em melhor posição para estabelecer um funcionamento democrático da sociedade, mesmo se ele tiver de confrontar violentamente seus inimigos ao longo do caminho. Do mesmo modo, um movimento que apenas ensina aos seus membros como lutar e vencer confrontos violentos é quase certamente um movimento que, se chegar a assumir o poder, estabelecerá um Estado baseado no conflito e na violência, isto é, um Estado autoritário e policial. Não saberá fazer outra coisa. Entretanto, ao tentar discernir as intenções de um movimento, não basta olhar apenas para o conteúdo da educação que ele busca entregar aos seus membros. É preciso olhar também as formas por meio das quais os conteúdos selecionados são apresentados aos seus membros.

Uma educação verdadeiramente democrática não se vestirá de trajes democráticos. Ela se conduzirá democraticamente. Isso significa que ela não se resumirá a pregar democracia. Ela não apenas orientará os outros a compartilhar o poder. Ela compartilhará seu próprio poder com aqueles a quem espera ensinar. O movimento está ensinando democracia? Está sendo democrático, compartilhando o poder, não somente na sala de aula, mas, especialmente, fora dela? Estas são questões que devemos fazer a nós mesmos.

A história da educação dos trabalhadores não é apenas uma história da luta dos trabalhadores para se tornarem democratas e transformarem suas comunidades em democracias. É também uma história das escolhas que o movimento trabalhista fez para atingir esses objetivos. Desse ponto de vista, a história da educação de trabalhadores e dos movimentos de educação de trabalhadores é importante para o futuro deles e para o nosso. Se devemos ser uma democracia, os trabalhadores devem ser cidadãos; e se os trabalhadores são cidadãos, eles devem ter oportunidades e adquirir habilidades para entender e agir de acordo com suas circunstâncias de maneira a fomentar e não retardar nossas aspirações democráticas. Muito frequentemente o movimento trabalhista tem estado muito preocupado em confiscar o poder ou em se agarrar a qualquer tipo de poder, em qualquer nível – local, regional ou nacional. A história da educação dos trabalhadores sugere que, sempre que o poder se torna mais importante do que o seu exercício, o movimento se enfraquece ao invés de se fortalecer. Um movimento que negligencia a educação destrói a si próprio, descuida de sua própria vitalidade e de suas promessas, anunciando que não tem nada a aprender e nada a ensinar.

REFERÊNCIAS

- DOCHERTY, James C.; VELDEN, Sjaak van der (ed.). *Historical Dictionary of Organized Labor*. 3rd ed. Plymouth, UK: Scarecrow, 2012.
- GLEASON, Arthur. *Worker's Education in the United States, with some Foreign Examples*. New York: Bureau of Industrial Research, 1923.
- GUIGUI, Albert. *The Contribution of the ILO to Workers Education, 1919-1970*. Geneva: International Labour Office, 1972.
- HANSOME, Marius. *World Worker's Movements: Their Social Significance*. New York: Columbia University, 1931.
- HOPKINS, Philip G. H. (ed.). *Worker's Education: An International Perspective*. Milton Keynes: Open University Press, 1985.
- KANE, Liam. *Popular Education and Social Change in Latin America*. London: Latin America Bureau, 2001.
- MUSTE, A. J. Factional Fights in Trade Unions. In: HARDMAN, J. B. S. (ed.). *American Labor Dynamics in the light of post-war Developments*. New York: Harcourt, Brace and Co., 1929. p. 332-333.

- NEGT, Oskar. Politische Bildung ist die Befreiung der Menschen, In: HUFER, Klaus-Peter; POHL, Kerstin; SCHEURICH, Imke (hrsg.). *Positionen der Politischen Bildung 2*. Ein Interviewbuch zur ausserchulischen Jugend, und Erwachsenenbildung. Hrsg, K. P. Huffer et al. Shwalbach am Taurus, 2004.
- NEGT, Oskar. *Soziologische Phantasie un exemplarisches Lernen: Zur Theorie and Praxis der Arbeiterbildung*. Frankfurt am Main, 1971.
- NOVELLI, Mario; FERUS-COMELO, Abibel (ed.). *Globalization, Knowledge and Labour: Education for Solidarity within Spaces of Resistance*. London & New York: Routledge, 2010.
- REED, John. *Ten Days That Shook the World*. New York: Penguin, 1919.
- RESNICK, Idrian N. (ed.). *Tanzania: Revolution by Education*. Arusha, TZ: Longmans of Tanzania, 1968.
- STEELE, Tom. *Knowledge is Power! The Rise and Fall of European Popular Education Movements, 1848-1939*. Bern & Oxford: Peter Lang, 2007.
- THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- THOMPSON, E. P. *The Making of the English Working Class*. London: Gollancz, 1963.

NOTAS

¹ Artigo originalmente publicado no periódico *International Labor and Working Class History of Workers Education*, Cambridge: Cambridge University Press, n. 90, p. 5-11, Fall 2016. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/services/aop-cambridge-core/content/view/8B0CD1CF4F6CE012DF7A34EC011118F1/S0147547916000259a.pdf/toward-a-general-theory-and-global-history-of-workers-education.pdf>.

² Ver Gleason, 1923. Para outros estudos clássicos da história da educação dos trabalhadores ver: Hansome, 1931; Guigui, 1972; Hopkins (ed.), 1985.

³ Sistema de instituições – faculdades e universidades cujo foco era o ensino de práticas agrícolas e industriais, sem excluir os estudos clássicos. (N.T.)

⁴ ILWCH (*International Labor and Working Class History of Workers Education*) é um periódico de alcance internacional centrado em diversos tópicos, desde a globalização e os direitos dos trabalhadores aos movimentos trabalhistas, identidades de classe e culturas, sindicatos e políticas da classe trabalhadora. Pode ser encontrado no site da *Cambridge Core*. <https://www.cambridge.org/core/journals/international-labor-and-working-class-history/information>. (N.T.)

⁵ Existem exceções. Um exemplo notável é E. P. Thompson, que escreveu *The Making of the English Working Class* (THOMPSON, 1963) enquanto trabalhava como educador de

trabalhadores. Os ensaios desse volume citam as mais importantes contribuições da literatura dedicada ao tema. Também vale consultar algumas poucas pesquisas, antigas e novas, produzidas nesse campo, incluindo Resnick (ed.), 1968; Kane, 2001; Steele, 2007; e Novelli; Ferus-Comelo (ed.), 2010.

⁶ Ver, por exemplo, Negt, 1971, p. 7. O relato de John Reed “sede por educação, por tanto tempo frustrada, (que) explodiu com a Revolução em um frenesi de expressões” coloca claramente ênfase na leitura e não no tumulto: “Toda a Rússia queria aprender a ler, e liam – política, economia, história – porque as pessoas queriam saber ... Centenas de milhares de panfletos eram distribuídos por milhares de organizações nas vilas, nas fábricas, nas ruas” (REED, 1919, p. 14).

⁷ E. P. Thompson, que escreveu *The Making of the English Working Class* (THOMPSON, 1963, p. 10).

⁸ “Mobilização” é o termo que designa a organização das forças armadas em situação de guerra ou de algum tipo de emergência. Isso inclui o recrutamento para o serviço militar ativo em tempo de guerra ou outra emergência nacional. Em seu escopo completo, a mobilização inclui a organização de todos os recursos que uma nação possui para apoiar o esforço militar. (N.T.)

⁹ “Dark Matter”, matéria escura em português, é uma parte do universo que não emite luz, o que a torna “invisível”. Os astrônomos sabem de sua existência porque conseguem medir sua força gravitacional. O uso neste ensaio é metafórico. (N.T.)

¹⁰ Quase 100 anos atrás, John Dewey apresentou o mesmo ponto de vista em *The Public and its Problems* (DEWEY, 1927), e essa decisiva intervenção entre as duas guerras mundiais ocorridas no século XX e na véspera da grande depressão ainda são dignas de serem consideradas.

¹¹ E. P. Thompson, que escreveu *The Making of the English Working Class* (THOMPSON, 1963, p. 12). Conferido com a edição brasileira, *A formação da classe operária inglesa* (THOMPSON, 1987).

¹² Veja a clássica formulação de 1928, do ativista e pioneiro educador do trabalho, o norte-americano A. J. Muste. Os sindicatos, escreveu ele, combinam em si mesmos “duas estruturas sociais extremamente divergentes, a do exército e da reunião democrática urbana. O sindicato é um instrumento de luta e demonstra mais ou menos definitivamente uma tendência a assumir característica de uma força armada e de guerra no interior de suas estruturas e atividades. [...] [Por outro lado,] o sindicato deve permanecer ‘uma agência puramente voluntária’ e [...] conceber a si mesmo como um organismo essencial para levar adiante democraticamente a indústria de um modo que as personalidades do trabalhadores não sejam obliteradas no processo” (MUSTE, 1929, p. 332-333).

Artigo recebido em 2 de dezembro de 2019. Aprovado em 13 de janeiro de 2020.